

EDUCAÇÃO DO CAMPO, MÍSTICA E MOVIMENTOS SOCIAIS: COMPARTILHANDO SABERES NAS OFICINAS DE BERIMBAU E PERCUSSÃO

*CAMPO EDUCATION AND THE MYSTIC:
SHARING KNOWLEDGE AT THE BERIMBAU AND PERCUSSION WORKSHOP*

Silvia Adriane Tavares de Moura¹
Universidade Federal do Tocantins

Eliana Costa Gomes²
Universidade Federal do Tocantins

Gabriela Rodrigues de Almeida³
Universidade Federal do Tocantins

RESUMO

O presente estudo, tem por objetivo compartilhar a experiência: “Oficina Berimbau e Percussão”, ofertada pelo Curso de Licenciatura em Educação do Campo: Artes Visuais e Música na Universidade Federal do Tocantins, município de Arraias. A ação foi realizada em parceria com o movimento social negro, representado por Mestres em sabedoria popular, tendo como temática a capoeira e os instrumentos musicais e artísticos: Atabaque e Berimbau. A experiência ocorreu durante a realização de uma das etapas do Tempo Universidade (T.U). A atividade objetivou viabilizar e fortalecer as relações entre saberes acadêmicos produzidos em um curso de formação de educadores e saberes populares e tradicionais presentes no cotidiano das comunidades, sustentados por suas histórias de lutas e resistências. O caminho metodológico se configurou por meio da Pesquisa Qualitativa, tomando a pesquisa-ação como ponto de partida e de chegada, intermediada pelas práticas culturais

Palavras-chave: Educação do campo; Movimentos sociais; Saberes Populares; Mística; Povos do campo.

ABSTRACT

This study aims to share the experience: “Oficina Berimbau e Percussion”, offered by the Licentiate Course in Rural Education: Visual Arts and Music at the Federal University of Tocantins, municipality of Arraias. The action was carried out in partnership with the black social movement, represented by Mestres in popular wisdom, with the theme of capoeira and musical and artistic instruments: Atabaque and Berimbau. The experience took place during one of the stages of Tempo Universidade (T.U). The activity aimed to enable and strengthen the relationships between academic knowledge produced in a training course for educators and popular and traditional knowledge present in the daily lives of communities, supported by their stories of struggles and resistance. The

¹ Doutora em Educação pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Professora Ajunta do Curso de Educação do Campo-Universidade Federal do Tocantins (UFT), Campus de Arraias.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0945238241791669>. E-mail: silviaadriane@uft.edu.br

² Graduada em Educação do Campo: Artes Visuais e Música pela Universidade Federal do Tocantins, Câmpus de Arraias-TO. Especialista em Libras. Professora da Educação Básica Municipal e Estadual, Município de Paranã-TO. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0949452862029987>. E-mail: elianacosta@uft.edu.br.

³ Graduada em Educação do Campo: Artes Visuais e Música- UFT-Câmpus de Arraias-TO. E-mail: gabrielarodrigues@uft.edu.br.

methodological path was configured through Qualitative Research, taking action research as a starting and ending point, mediated by cultural practices.

Keywords: Rural education; Social movements; Popular Knowledge; Mystic; Country people.

1 Primeiras Considerações:

“A mística não somente ajuda a transformar os ambientes e cenários sociais; acima de tudo, impulsiona e provoca mudanças por fora e por dentro dos sujeitos” (CALDART, 2012, p.12).

O presente relato, aborda a relação entre experiências acadêmicas na formação de professores/as e saberes/ fazeres comunitários, viabilizados pela participação em oficinas ocorridas durante Tempo Universidade do Curso de Educação do Campo- Artes Visuais e Música⁴, da Universidade Federal do Tocantins, Câmpus de Arraias, espaço onde a mística e a participação de ativistas da cultura negra foram a essência da atividade pedagógica em questão.

Metodologicamente e face ao contexto dinâmico exigido para a viabilização da realização das atividades evidenciadas nesse estudo, buscamos fundamentar essa vivência formativa por meio da pesquisa-ação, considerando o engajamento e o envolvimento docente e discente, articulados aos saberes contidos nas práticas culturais dos Mestres que entrevistaram e contribuíram em seus ensinamentos com materialização da proposta de intervenção e integração, sendo a "pesquisa-ação", um tipo particular de pesquisa participante e de pesquisa aplicada que supõe intervenção participativa na realidade social (THIOLLENT, 2011).

Destarte, o campo de aplicação da metodologia da pesquisa-ação tem sido marcado por uma diversificação e ampliação das áreas, dentre as quais, compreendem a educação, serviço social dentre outros. A pesquisa a pesquisa-ação tem como foco a ação coletiva contemplando tanto os sujeitos relacionados à organização quanto os pesquisadores vinculados à pesquisa, de forma que o conhecimento necessário a ser produzido e a ação necessária a ser tomada, sejam considerados em conjunto (THIOLLENT, 2011).

⁴ A matriz formativa do Curso de Licenciatura em Educação do Campo em sua proposta metodológica e organização curricular, prevê etapas presenciais ofertadas em regime de alternância entre Tempo Comunidade (TC), período em que os/as estudantes retornam às suas comunidades e nela fazem as interações, intervenções e intersecções teóricas e práticas em sentido de uma práxis educativa e Tempo Universidade (TU), percurso que ocorre no âmbito interno da Universidade com o desenvolvimento de atividades teóricas e práticas em consonância e diálogo com as atividades realizadas no Tempo Comunidade e em projeção para momentos pedagógicos interdisciplinares, bem como a participação em atividades de extensão. Essa organicidade fortalece a proposta de articulação intrínseca entre a educação, a realidade das populações do campo e a intenção do curso de formar educadores que consigam promover uma profunda articulação entre a escola e a comunidade (PPC, 2013).

Procuramos explicitar os principais momentos do Tempo Universidade do Curso de Educação do Campo Artes Visuais e Música, com base nas exposições e apresentações de docentes e discentes nas palestras, mesas de debates, apresentações culturais e principalmente as oficinas de instrumentos da capoeira: *Berimbau* e *Percussão*, ocorridos em âmbito acadêmico possibilitados pela Alternância Pedagógica.⁵

Como ponto fulcral, propomos relatar de modo mais detalhado as oficinas e suas relações com as questões que norteiam as ações, reflexões, estudos e debates. Trazemos como objetivo específico, a análise do processo de construção da identidade a partir da elucidação da cultura popular das tradições e crenças, considerando a mística como uma prática plausível na formação do indivíduo. A mística é proposta em diversos momentos de interações coletivas como integração e socialização de pessoas e grupos que se movimentam em busca de interesses comuns.

Compreendemos que as manifestações culturais, possibilitam vivenciar o conjunto de crenças e valores repassados e outras construções possíveis que buscam interpretar a realidade, evidenciando, desse modo, fatos históricos das memórias dos sujeitos e lugares. Por meio da mística, os indivíduos são estimulados a manifestar suas ideias, práticas, padrões, valores e visões de mundo, sobretudo, quando organizados em seus movimentos sociais comuns em suas bandeiras de lutas.

Buscamos ainda, ampliar o acesso a uma formação inicial engajada, inserida e articulada às realidades das suas populações, de qualidade e em conformidade com a Proposta Pedagógica do Curso de Licenciatura em Educação do Campo (PPC, 2013). Imbuídas com o compromisso e com a experiência do pensar, iniciamos por uma explanação sobre o contexto da vivência em questão no Curso de Licenciatura em Educação do Campo- Artes Visuais e Música. Em seguida, trazemos uma breve conceituação acerca dos movimentos sociais e a mística como forma de (re)existência.

Em se tratando da Educação do Campo, mesmo diante dos desmontes e arrefecimentos impostos nos tempos hodiernos, vale ressaltar o quanto os movimentos sociais lutaram e ainda lutam, em busca de melhorias para o povo camponês, cujas lutas não resumem apenas em

⁵ A Pedagogia da Alternância segundo Gimonet (1999, p. 44) representa uma Alternância de tempo e de local de formação, ou seja, de períodos em situação sócio-profissional e em situação escolar, sobretudo, uma outra maneira de aprender, de se formar, associando teoria e prática, ação e reflexão, o empreender e o aprender dentro de um mesmo processo. A Alternância significa uma maneira de aprender pela vida, partindo da própria vida cotidiana, dos momentos experienciais, colocando assim a experiência antes do conceito. Gimonet (1999, p. 44).

conseguir mudanças momentâneas e emergenciais, mas consiste em transformações na visão de mundo, de sociedade e de humanidade.

Nesse sentido, a educação e a Educação do Campo são requisitos fundamentais. De acordo com Caldart (2002), “A perspectiva da Educação do Campo é exatamente a de educar as pessoas que trabalham e vivem no e do campo, para que se articulem, se organizem e assumam a condição de sujeitos da direção de seu destino” (CALDART, 2002, p. 18). Entendemos mediante as elucidações da autora, que a luta dos povos do campo por políticas públicas, pretende garantir o seu direito à educação e a uma educação que seja no e do campo, ou seja, **no**: o povo tem direito a ser educado no lugar onde vive; **do**: o povo tem direito a uma educação pensada desde o seu lugar e com a sua participação, vinculada à sua cultura e às suas necessidades humanas e sociais (CALDART, 2002).

Em contribuição, Hage (2005), atribui ainda o fato de que, entre as reivindicações dos movimentos sociais populares do campo, encontra-se a afirmação do direito inalienável que todos os sujeitos têm, de serem educados no próprio lugar em que vivem e convivem com seu grupo social, o qual constitui pré-requisito fundamental para o fortalecimento dos laços de pertencimentos e para a afirmação das identidades culturais das populações do campo (HAGE,2005).

Os movimentos sociais em seus conceitos e conexões com a educação, ocupam grande parte da história da humanidade, isto porque as correntes transformações sociais que se obteve, estavam ligadas direta ou indiretamente aos movimentos sociais, sobretudo, aos de engajamento por melhorias para determinado grupo ou classe social. Os movimentos sociais, além de tentarem suprir as necessidades dos indivíduos e grupos, também contribuem para a construção identitária cultural e social. Nessa perspectiva, obtemos a seguinte conceituação sobre movimentos sociais:

[...]. Os movimentos sociais de cunho identitário são exemplos emblemáticos, apesar de lutarem pelo reconhecimento de suas particularidades e diferenças, ou seja, por questões específicas, o tipo de debate que eles provocam na sociedade acaba tocando em temáticas muito importantes que afetam a estrutura social e a própria constituição da sociedade. (GOSS; PRUDÊNCIO, 2004, p.81).

Há também os movimentos globais que contemplam causas transnacionais e que são definidos por Gohn (2010) da seguinte forma:

[...]. São lutas que atuam em redes sociopolíticas e culturais, via fóruns, plenárias, colegiados, conselhos etc. Estas lutas são também responsáveis pela articulação e globalização de muitos movimentos sociais locais, regionais, nacionais ou

transnacionais. Na realidade, esta forma de movimento constitui a grande novidade desde novo milênio. (GOHN, 2010, p.68).

Essas lutas globais caracterizam, sobretudo, os “novos movimentos”, centrados em questões identitárias, seus atores e suas densidades, já que os de caráter emergente, que objetivam questões básicas que envolvem atores específicos, atendem aos interesses específicos de determinado grupo social. E para que haja maior articulação de movimentos sociais com amplitude também global como os Fóruns Sociais Mundiais é necessário melhor interação político-social.

Assim, entendemos que o conceito de movimentos sociais, apresenta significados distintos, exigindo, portanto, um estudo mais denso e abrangente sobre o tema. Desse modo, os movimentos em torno da educação, também contemplam a participação de todos os círculos (família, sociedade, Estado e outros), principalmente pelo fato de que eles acontecem de maneira articulada envolvendo espaços não escolares, por meio de projetos sociais desenvolvidos por institutos e associações fora da escola com relações e processos de aprendizagem não formais, como é o caso da instituição parceira apresentada nesta experiência. Portanto, de acordo com Gohn (2010),

[...] É importante registrar que os movimentos pela educação têm caráter histórico, são processuais e ocorrem, portanto, dentro e fora de escolas e em outros espaços institucionais. As lutas pela educação envolvem lutas por direitos e são parte da construção da cidadania. Usualmente movimentos sociais pela educação, abrangem questões tanto de conteúdo escolar quanto de gênero, etnia, nacionalidade, religiões, portadores de necessidades especiais, meio ambiente, qualidade de vida, paz, direitos humanos, direitos culturais etc. Esses movimentos são fontes e agências de produção de saberes. (GOHN, 2010, p.71).

Essa ideia é reforçada pelo pensamento de Brandão (1981), onde o autor afirmou que não há um único tipo de educação, fazendo valer a opinião de que temos “educações” e não somente um jeito estático, conforme consta na afirmação a seguir:

[...]. A educação é, como outras, uma fração do modo de vida dos grupos sociais que a criam e recriam, entre tantas outras invenções de sua cultura, em sua sociedade. Formas de educação que produzem e praticam, para que elas reproduzam, entre todos os que ensinam- e-aprendem, o saber que atravessa as palavras da tribo, os códigos sociais de conduta, as regras do trabalho, os segredos da arte ou da religião, do artesanato ou da tecnologia que qualquer povo precisa para reinventar, todos os dias, a vida do grupo e a de cada um de seus sujeitos, através de trocas sem fim com a natureza e entre os homens, trocas que existem dentro do mundo social onde a própria educação habita, e desde onde ajuda a explicar — às vezes a ocultar, às vezes a

inculcar — de geração em geração, a necessidade da existência de sua ordem.
(BRANDÃO, 1981, p.4)

Os movimentos sociais de caráter identitários são referências emblemáticas, pois, lutam pelo reconhecimento de suas particularidades e diferenças e a envergadura dos debates que realizam em suas pautas, trazem inquietações e provocações do ponto de vista social e apontam para a necessidade de discutir diversas temáticas que envolvem tanto a estrutura social como a própria constituição da sociedade, podendo tomar como exemplos, a ação coletiva do movimento feminista, que provocou uma revisão a respeito da hierarquia entre os gêneros e politizou o espaço doméstico, bem como com a reivindicação por parte do movimento negro de cotas para estudantes negros em universidades públicas e nas lutas dos povos originários e das comunidades remanescentes de quilombos pelo reconhecimento de suas terras. (BRANDÃO, 1981; HALL, 2003; GOHN, 2010).

Gohn (2015) coloca que sempre houve movimentos sociais na realidade histórica e crê que eles sempre existirão. Isto porque eles representam forças sociais organizadas que aglutinam as pessoas não como força-tarefa de ordem numérica, mas como campo de atividades e de experimentação social e essas atividades se constituem como fontes geradoras de criatividade e inovações culturais. Ainda de acordo com a autora, tais movimentos:

[...] são ações sociais coletivas de caráter sociopolítico e cultural que viabilizam distintas formas da população se organizar e expressar suas demandas. Na ação concreta, essas formas adotam diferentes estratégias que variam da simples denúncia, passando pela pressão direta (mobilizações, marchas, concentrações, passeatas, distúrbios à ordem constituída, atos de desobediência civil, negociações etc.), até pressões indiretas. Na atualidade, os principais movimentos sociais atuam por meio de redes sociais, locais, regionais, nacionais, internacionais, e utilizam-se muito dos novos meios de comunicação e informação. (GOHN, 2015, p. 14).

Assim, podemos afirmar que conceito e a materialidade dos movimentos sociais se expressam na participação sociopolítica. Da participação e organização política, emergem realidades, que, oriundas da prática social, podem ser compreendidas em sua temporalidade (totalidade histórica), pela espacialidade (abrangência das relações sociais) e pelas relações sociais tensas e contraditórias, elementos que demarcam a territorialidade como o conjunto de relações que produz uma nova realidade ou novas faces à determinada realidade (GOHN, 2015; FERREIRA, 2015).

Ademais, emergem as lutas por espaços e melhores condições de vida e de organização, de modo que os movimentos sociais se caracterizam por ter identidade, projeto de vida, almejam uma sociedade democrática, sustentável, lutam pela inclusão e diversidade

cultural. Além de também contribuir para a construção da identidade cultural, territorial e social dos indivíduos e grupos, diante dos quais estes mesmos movimentos que possuem essa intencionalidade são exemplos emblemáticos, apesar de fazer constar em sua plataforma de reivindicações o reconhecimento de suas particularidades e diferenças, ou seja, por questões específicas, o tipo de debate que eles provocam na coletividade toca em temáticas relevantes que afetam a estrutura social e a própria constituição da sociedade (GOHN, 2007, p. 58).

Gohn (1997) elaborou o conceito de movimentos sociais e o descreve como sendo “[...] ações sociopolíticas construídas por atores coletivos de diferentes classes sociais, numa conjuntura específica de relações de força na sociedade civil” (GOHN, 1997, p. 14). Para a autora, os movimentos sociais representam ainda:

[...] as ações grupais de uma coletividade sistêmica que busca alcançar mudanças sociais através da luta política, dentro de um contexto peculiar, de uma determinada sociedade. Destaca como relevante o registro de que os movimentos pela educação têm caráter histórico, são processuais e ocorrem, portanto, dentro e fora de escolas e em outros espaços institucionais. As lutas pela educação envolvem lutas por direitos e são parte da construção da cidadania. Usualmente, movimentos sociais pela educação abrangem questões tanto de conteúdo escolar quanto de gênero, etnia, nacionalidade, religiões, portadores de necessidades especiais, meio ambiente, qualidade de vida, paz, direitos humanos, direitos culturais dentre outros. (GOHN, 1997, p. 71).

Os movimentos sociais populares em sua diversidade de características e formas de atuação não somente enfrentam, mas também resistem às influências e imposições do conjunto das transformações econômicas e políticas que aumentaram as proporções da desigualdade social e repercutiram profundamente no sistema educacional e nas políticas a ele direcionadas. Todo o processo de luta pela terra, hoje conduzido dentro de uma perspectiva institucional, é representado por uma política de estado ineficaz de reforma agrária, na qual os assentamentos rurais são concebidos pela grande mobilização dos movimentos. A atuação dos movimentos vem no sentido de pressionar o aparelho estatal por meio de ocupações, manifestações, marchas, entre outros, que também é um campo de disputa.

Scherer-Warren (2006) apresentou uma perspectiva para melhor compreendermos a relação entre movimentos sociais e Educação do campo, e ainda, entre práticas pedagógicas e sociedade civil organizada. Destaca que os movimentos sociais apresentam vitalidade em seus espaços de aprendizagem e trazem relevantes contribuições para uma abordagem acerca da temática, colocando em relevo a contextualização do sujeito do aprendizado, situado de modo social, espacial e temporalmente. Desse modo, a autora sugere que:

Para compreender os movimentos sociais hoje, deve-se observar como os indivíduos tornam-se sujeitos de seus destinos pessoais e como sujeitos se transformam em atores políticos por meio de suas conexões em redes [...] uma abordagem que considera a relação entre sujeitos e atores coletivos em sua transformação em movimentos sociais, a partir de uma tripla dimensão das redes na sociedade contemporânea: social, espacial e temporal. (SCHERER-WARREN, 2006, p. 121).

2 A Experiência como expressão de luta e militância

A experiência propõe reafirmar a importância das lutas e dos movimentos sociais para o desenvolvimento de uma educação de qualidade e igualitária para os povos do campo, bem como a relevância das místicas nessas militâncias. De acordo com Cadernos Secadi (2007):

Para atender a essas especificidades e oferecer uma educação de qualidade, adequada ao modo de viver, pensar e produzir das populações identificadas com o campo—agricultores, criadores, extrativistas, pescadores, ribeirinhos, caiçaras, quilombolas, seringueiros – vem sendo concebida a Educação do Campo (2007, p.09).

As oficinas foram desenvolvidas e mediadas de forma em que todos (as), acadêmicos(as) fossem envolvidos(as) nas atividades rotativamente, sendo que cada oficina recebia um grupo de alunos(as). Os Mestres: Onça Negra⁶ e Fumaça⁷ faziam demonstrações e os alunos (as) observavam, compreendiam e colocavam em prática. Os mediadores das oficinas demonstravam para um grupo e depois para outro e assim sucessivamente até que todos (as) acadêmicos (as) participassem das duas oficinas. Eram perceptível o engajamento e a comoção dos/as envolvidos/as permeando à atividade com animação e energia. Muitos/as professores/as do Curso participaram da dinâmica, cada um/a ao seu modo e interagindo sempre nas atividades junto aos/às estudantes e ministrantes.

Nessa experiência, trazemos o conceito de mística como uma prática que encontra-se associada ao que pode ser considerado um “mistério”, sendo um termo bastante presente na vida espiritual, mas para que para a ciência está relacionada com a vida social do indivíduo sendo utilizado em diversos momentos de militâncias. Conforme citou Bogo (2012), “A mística na militância é como a força de germinação que existe dentro das sementes”(BOGO, 2012, p.477).

⁶Laurindo Daria dos Santos, codinome: Mestre Onça Negra, Mestre em Capoeira e Percussão, Filho do Mestre Bimba, o Patrono da Capoeira Regional- Salvador- Bahia e Goiânia, Goiás.

⁷José Reginaldo Ferreira de Moura, codinome: Mestre Fumaça, ativista negro, Mestre em Capoeira, presidente e fundador do Ponto de Cultura Associação Cultural Chapada dos Negros (ACCN) Sudeste do Tocantins e Norte de Goiás.

Nesse sentido, BOGO, (2012) afirmou que:

[...]. As místicas são compreendidas como práticas celebrativas formadas por diferentes discursos sociais, religiosos e ritos, bem como conjuntos de crenças e valores que buscam interpretar a realidade vivida e significá-la a partir das atividades coletivas desenvolvidas em torno de temáticas e práticas grupais específicas. (BOGO, 2012, p.01).

Figura 1 - Confeção de Berimbau



Fonte: Professora Sílvia Adriane, ACCN/2016

A imagem representada pela figura 01, retrata a etapa da oficina de confecção o instrumento musical *Berimbau*, por meio da qual, realizou-se uma exposição dos significados das peças que compõem o instrumento, as formas de manuseio, tratamento, montagem completa e realização de testes da capacidade sonora que cada instrumento produzido possui. Graças às experiências como essas, Instituições de Ensino Superior por meio de cursos de formação de professores, passam a incentivar os sujeitos sociais a assumirem a sua identidade e potencialidades de ações em suas realidades, uma questão recorrente nos debates contemporâneos. Nesse processo, destaca-se a importância das lutas e movimentos sociais na formação profissional e cidadã, trazendo engajamento e despertando a relevância cultural, das crenças, raízes e tradições.

O PPC (2013) do Curso de Licenciatura em Educação do Campo ressalta que

[...]os princípios que orientam a construção de suas políticas de formação estão assentados na concepção da educação como um bem público, no seu papel formativo, na produção do conhecimento (...) democráticos, na ética, nos valores humanos, na cidadania e na luta contra a exclusão social (PPC, 2013, p.26).

As experiências oferecidas durante a organização e a realização das oficinas possibilitaram a criação, a interpretação, a representação e a (re)invenção histórica, artística e

cultural entre os participantes, principalmente entre os membros autênticos inseridos (as) nesta instituição. Ao fortalecer a construção da(s) identidade(s), possibilita a emancipação e a formação crítica dos sujeitos do campo, da cidade e até mesmo em outros territórios e fronteiras. Ações como esta fazem toda a diferença numa sociedade que é cercada por profundas desigualdades em todos os aspectos da vida humana e social.

Ao despertar o senso crítico, o(s) indivíduo(s) começa(m) a questionar e a buscar soluções para o caos que assola a sociedade. Isso se torna possível também por meio de políticas públicas e uma educação emancipatória, almejada pelos movimentos sociais, sobretudo, dando ênfase aos direitos básicos à cidadania, sem perder a essência, ou seja, fazendo uma junção das práticas pedagógicas com a realidade do sujeito. Nessa direção, Arroyo (1999) afirmou que

[...]os processos educativos acontecem fundamentalmente no movimento social, nas lutas, no trabalho, na produção, na família, na vivência cotidiana. E a escola, que tem a fazer? Interpretar esses processos educativos que acontecem fora, fazer uma síntese, organizar esses processos educativos em um projeto pedagógico, organizar o conhecimento, socializar o saber e a cultura historicamente produzidos, dar instrumentos científicos – técnicos para interpretar e intervir na realidade, na produção e na sociedade. A escola, os saberes escolares são um direito do homem e da mulher do campo, porém esses saberes escolares têm que estar em sintonia com os saberes, os valores, a cultura e a formação que acontece fora da escola (ARROYO, 1999, p.14)

Figura 02: oficina de instrumento (atabaque)



Fonte: Sílvia Adriane/UFT/ACCN, 2016

A imagem exposta da figura 02, simboliza a mística representada pelo instrumento de percussão conhecido como Atabaque. Durante a oficina de batida do Atabaque, os/as estudantes ao ouvirem atentamente as explicações orais dos Mestres, puderam experimentar o manuseio e as metodologias de acessarem com mais eficiência e domínio os sons do instrumento. Nesse sentido, o Curso de Licenciatura em Educação do Campo: Artes Visuais e Música, reconhece os saberes proporcionados pela manifestação artística e música regional da cultura popular, e um dos desafios a serem enfrentados, são os aparelhos ideológicos que impõem cada vez mais

a unificação do mundo e dos saberes, uma busca incessante do sistema capitalista que não somente tenta destruir quanto assolar a autonomia e a emancipação dos sujeitos de direitos individuais e coletivos.

Bastos, Stedile e Bôas (2012), afirmaram que

[...]. Esses aparelhos conferem coerência ao pensamento e aos valores da classe dominante, pautados nos interesses dela e no estímulo ao consumo e ao mercado capitalista, com o objetivo de torná-los os pensamentos e valores (a cultura) de toda a sociedade. A concentração dos meios de comunicação de massa, que permite a construção do caráter alienador e opressivo da indústria cultural, criou um processo popular pelo seu alcance e um processo antipopular pelos interesses a que presta conta (BASTOS; STEDILE; BÔAS, 2012, p.414).

O referido Curso, apresenta o seu potencial artístico e musical, conduzindo os (as) estudantes a se apropriarem dos saberes e do conhecimento de si e do outro, tendo em vista que a Arte possibilita a transformação dos sujeitos e revela suas subjetividades nas relações de alteridade.

Assim, existe uma grande preocupação com a cultura de massa em detrimento a cultura popular, que nos faz refletir e buscar superar questões cotidianas que tendem a impedir o posicionamento crítico dos sujeitos em suas tomadas de decisões autônomas, induzindo-os à fetiche e à alienação. Assim, os saberes e as tradições populares quando salvaguardadas e transmitidas de geração a geração, cedem lugar a uma tomada de consciência e aceitação de si e do outro no contexto das relações socioeducativas e culturais.

Em se tratando das ações coletivas e dos movimentos sociais é imprescindível estabelecer uma conexão entre essas lutas às místicas, como sendo práticas de suma relevância no sentido de alavancar as transformações sociais. Podem acontecer nas festividades e celebrações promovidas pelos movimentos sociais e outros grupos, como prática que possibilita a integração e socialização entre as pessoas. São momentos mediados entre uma apresentação e outra com intuito de motivar os indivíduos. A mística varia de acordo com o tema abordado em cada acontecimento, Bogo (2000) ressalta que:

As místicas são encontros celebrativos, através dos quais os assentados e acampados realizam algumas atividades ritualísticas que resgatam a memória de eventos históricos, seja do movimento como um todo, da sua relação com o Estado em que vivem e até mesmo com o Brasil. Além disso, as místicas também se inserem como conjuntos hierárquicos de valores interpretativos da realidade social e política dos participantes e das suas relações com os adversários políticos, com a terra e com o movimento ao qual pertencem (BOGO, 2000, p.01).

Nas oficinas em questão os mestres Onça Negra e Fumaça, repassaram seus saberes com seriedade e dedicação demonstrando habilidade, sabedoria e precisão nos movimentos corporais, transmitindo verdade e sinceridade pelos movimentos sociais, além da vontade incansável de mudar a concepção estigmatizada das pessoas em relação às manifestações presentes na cultura popular.

Imbuídos por esse sentimento permeado pela mística é que esperamos que trabalho nos impulse a uma melhor compreensão e respeito à diversidade cultural, no afã de contribuir para transformação da realidade, superando desafios na perspectiva de estreitar relações entre as gerações passadas, presentes e futuras com vista à emancipação dos sujeitos e do bem-estar coletivo, constatamos que as oficinas configuraram um verdadeiro referencial de conhecimento, valores e mística. Para Bogo (2012), a mística “(...) está no sujeito como o calor está no corpo que o mantém quente o suficiente, proporcionando-lhe vitalidade e satisfação”(BOGO, 2012, p.476).

Desse modo, entendemos a mística como mistério que se faz presente nos movimentos populares com objetivo de motivar o sujeito nas lutas pelos seus ideais é por meio da mística que se passa crenças e tradições dos antepassados. Cardoso; Valadão (2016) salientam que,

Dessa maneira o estudo possibilita o conhecimento sobre os movimentos populares do campo em seus aspectos espirituais, artísticos e sociais, assim como o desafio de aprender metodologicamente o uso da Mística na memória do passado que se faz presente na formação do indivíduo, por meio de histórias e lutas, tradições contadas e transmitidas às gerações futuras. (CARDOSO; VALADÃO, 2016, p.29).

Entendemos que essas oficinas, vieram para reafirmar a proposta do curso de Educação do Campo abrangendo diversas formas de viver dos povos do campo fazendo com que os alunos oriundos desta categoria comecem a aceitar suas origens e saberes repassados pela vivência desses povos. Conforme afirma o Projeto Pedagógico do Curso,

[...]. O Projeto ora apresentado pretende problematizar a formulação e a implementação de uma política educacional voltada para a população do campo com atendimento de suas particularidades. Para tal, o projeto educacional estabelece transversalidade com a dinâmica da realidade social, para cumprir em primeira instância sua função social em detrimento de sua função instrumental (PPC, 2013, p. 31).

O PPC do Curso (2013) oferta uma educação do campo de forma que atenda às necessidades de seus povos, dando-lhes oportunidades sem que o indivíduo saia de seu território

para estudar e possa contribuir com a ciência trocando saberes populares e recebendo conhecimentos científicos que futuramente poderão ser utilizados em prol da própria comunidade.

2.1 Impactos da experiência no processo formativo dos(as) participantes

A partir da interação, participação e autoavaliação pelos (as) integrantes nas atividades, podemos considerar que as oficinas relatadas, aguçaram a busca por conhecer, reconhecer e compreender aspectos referentes às manifestações culturais da cultura afro-brasileira. Nessa perspectiva, situamo-nos diante de situações diversificadas de aprendizagem, com o contato com a sabedoria e a oralidade dos mestres, acreditando em tempos melhores que coloquem em destaque relevância identitária e o conhecimento étnico-cultural.

O sentimento da mística simboliza também a substantivação da esperança e seus desdobramentos e metamorfoses em o verbo esperar, conforme nos proporcionou Paulo Freire, impulsionando-nos pela busca da construção de uma sociedade mais humana e justa, imbuídos pelo sentimento que aponte para o despertar da constante busca pela transformação individual e coletiva.

Ressaltamos que, como desdobramento da ação, as oficinas foram ofertadas durante atividades do Tempo Comunidade (T.C) no município de Paranã, Tocantins, junto aos professores da Educação Básica, dentre eles professores das escolas do campo, professores de comunidades tradicionais e os estudantes do Curso de Educação do Campo da Comunidade Integradora de Paranã-TO. A programação da prática pedagógica em questão, contou com o envolvimento do poder público municipal, do Fórum, das Escolas Estaduais, Municipais e da comunidade.

Figura 3 - exposição e oficina de Maculelê



Fonte: ACCN/2016

A figura 03 tem por objetivo evidenciar uma parte da exposição realizada como uma das etapas das oficinas, as quais culminaram com uma roda de capoeira e a avaliação e autoavaliação das atividades. Por intermédio da situação de aprendizagem proposta, percebe-se que cada pessoa presente, pôde apreender os saberes e vivências, construindo outros e novos olhares sobre as temáticas abordadas, entendendo que os sujeitos se emancipam também a partir do conhecimento de saberes populares em interação com os conhecimentos científicos, considerando ainda que ambos são constructos humanos em sua universalidade e simultaneamente, em suas singularidades, buscando contribuir com a preservação de suas origens e assumindo sua própria identidade.

3 Como conclusão, algumas considerações

As oficinas relatadas, contribuíram significativamente para desenvolver nos participantes a auto-confiança, autenticidade e engajamento social, desenvolvendo autoconfiança, domínio de técnicas, ritmos e conhecimentos tradicionais da cultura afro-brasileira, da capoeira de suas ladainhas, toques, ritmos, melodias e movimentos construídos coletivamente, vez que se trata de uma manifestação cultural que agrega, aglomera pessoas e é sempre permeada e mediada pela participação em equipe, características oriundas da diáspora africana no Brasil.

No entanto, torna-se imprescindível que haja aprofundamento em estudos e intensificação de práticas pedagógicas que envolvam a produção e a aquisição de saberes e conhecimentos das diferentes culturas em especial a cultura negra, sendo de suma importância que outros estudiosos, nas suas mais diversas áreas do conhecimento, possam realizar pesquisas e estudos que consigam inovar, estando comprometidos com a articulação entre acadêmicos e comunitários.

Entre místicas, ativismos, movimentos e formação docente, nos embalamos com a poesia, elaborada durante a realização das atividades relatadas pela acadêmica em formação e uma das autoras do relato, Gabriela Rodrigues Almeida:

Sempre há alguém a sua espera

Mestre Fumaça policial aposentado

Que sempre trabalhou com amor
Se tornou Mestre Fumaça e aos
Movimentos sociais se dedicou.

Em busca de uma sociedade
Que valorize a sua cultura e identidade
Não importa se é branco, amarelo, negro, índio
Quilombola ou até mesmo vindo de outra localidade.

O que pra você importa é a igualdade do cidadão
Que visa a transformação através da educação
Com o sentimento da mística
Que aflora em seu coração.

Você com sua dedicação
Passa para nós o desejo da emancipação.
Na busca da reconstrução da cultura popular
Que a cultura de massa deseja acabar.

A você queremos agradecer
Que nos fez reconhecer
A nossa realidade
Valorizando assim a sociedade
Na busca por um mundo com maior qualidade
Para assim reafirmarmos
Sempre a nossa identidade.

Outrossim, esperamos que esta sistematização em forma de relato de experiência, bem como a materialização da própria vivência cultural e comunitária ocorrida em ambiente acadêmico, possam contribuir para que haja continuidade das trocas de saberes e práticas no Curso de Formação de Educadores do/no Campo e nas comunidades envolvidas.

Referências:

ARROYO, Miguel Gonzalez; FERNANDES, Bernardo Mançano. *A educação básica e o movimento social do campo: A terra produz a gente*. Brasília, 1999.

ARROYO, Miguel Gonzalez. *Pedagogia em Movimento – O que temos a aprender dos movimentos sociais*. Belo Horizonte, 2003.

BOGO, Ademar. *O vigor da Mística MST*. São Paulo. 2000 p. 39

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Cultura popular e educação*. Programa Especial/Documentário: São Paulo: Editora Brasiliense, 2007.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. (Org.). *Repensando a pesquisa participante*. São Paulo: Brasiliense, (1999).

CALDART, Roseli Salette, Por Uma Educação do Campo: traços de uma identidade em construção. In: CALDART, Roseli Salette; CERIOLI, Paulo Ricardo; KOLLING, Edgar Jorge. (Orgs). *Educação do Campo: Identidade e políticas públicas*. Brasília: 2002.

CALDART, Roseli Salette; PEREIRA Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo e FRIGOTTO Gaudêncio (orgs.). *Dicionário da Educação do Campo*, Rio de Janeiro, São Paulo: 2012.

CARDOSO, Leudimar Amorim; VALADÃO, Erasmo Baltazar: A mística nos movimentos populares tradicionais não hegemônicos. In: MOURA, Sílvia Adriane Tavares de; SALES, Suze da Silva; KINDIR, Kaled Sulaiman. (Orgs) *Educação do Campo e pesquisa: Políticas, práticas e saberes em questão*. Goiânia – GO: 2016.

FERREIRA, Alexandre Bispo. *Pedagogia da Capoeira: construção de saberes na perspectiva da educação não formal e informal no contexto da Associação Cultural Chapada dos Negros – ACCN*. Monografia de conclusão de curso apresentada à Universidade Federal do Tocantins, Arraias, TO, 2015.

GIMONET, Jean-Claude. *Praticar e compreender a pedagogia da alternância dos CEFFAs*. Petrópolis, RJ: Vozes, Paris: AIMFR – Associação Internacional dos Movimentos Familiares e de Formação Rural, 2007.

GOHN, Maria da Glória. *Educação Não Formal e o educador social – Atuação no desenvolvimento de projetos sociais*. São Paulo: Ed. Cortez, 2010.

GOSS, Karine Pereira; PRUDENCIO, Kelly. O conceito de movimentos sociais revisitado. *Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC*. Em Tese Vol. 2, nº 1 (2), janeiro-julho 2004, p. 75-91.

HAGE, Salomão Mufarrej. Retratos da realidade das Escolas Multisseriadas na Amazônia Paraense. *Informativo Comunica Geperuaz*, nº. 3 e 4 – Belém-Pa – Maio-Junho de 2005.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

MOURA, Sílvia Adriane Tavares. *Nas Palmas da Capoeira: resistência cultural pela Chapada dos Negros em Arraias/TO (1984 a 2012)*. 2012. 172 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa Mestrado em História, área de Concentração, Cultura e Poder, Identidade, Tradições e Territorialidades, Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2013. Cap. 1

SCHERER-WARREN, I. *Cidadania sem fronteiras: ações coletivas na era da globalização*. São Paulo: Hucitec, 1999

SILVA, Maria do Socorro, Da raiz à flor: produção pedagógica dos movimentos sociais e a escola do campo; Pedagogia da Alternância: In: MOLINA, Mônica Castagna (Org.) *Educação do Campo e pesquisa: questões para reflexão*. Brasília, 2006.

THIOLLENT, Michel. Notas para o debate sobre pesquisa-ação. In C. R. Brandão (Org.). *Repensando a pesquisa participante* (pp. 82-103). São Paulo: Brasiliense, (1999).

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS. *Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Educação do Campo*, Arraias-TO, 2013.

Recebido em setembro de ano 2021.

Aprovado em novembro de 2021.

Publicado em dezembro de 2021.